

SIMPÓSIO AT165

LITERATURA E FEMININO: ALTERIDADE E FRAGMENTAÇÃO NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA

MEDEIROS, Luana Pantoja
Instituto de Referência Educar
luana.pantoja.am@hotmail.com

MEDEIROS, Alexsandro Melo
Universidade Federal do Amazonas
alexsandromedeiros@ufam.edu.br

Resumo: Este trabalho analisa as relações de alteridade e a fragmentação na narrativa contemporânea através da obra *Pente de Vênus* de Heloisa Seixas, discutindo a implicação da alteridade e a contextualização identitária das personagens dos contos. Ao apresentar o trabalho de Seixas, tem-se por objetivo dar voz a personagens que estão à margem social utilizando a fragmentação como instrumento que revela na literatura contemporânea, características próprias de uma literatura feminina. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica. Para compreender a obra de Seixas é necessário o distanciamento dos autores da tradição patriarcal, que prioriza homens brancos, de classe média ou alta, adeptos da religião legitimada socialmente, heterossexuais, adultos e aptos a dar ordens e sustentar regras. Uma das questões primordiais desta nova literatura é a atribuição de voz aos sujeitos das margens, sujeitos tradicionalmente silenciados e ignorados. Neste contexto, destacam-se o feminino e as relações de alteridade através da fragmentação na narrativa. A Fragmentação destaca-se como um conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica da mulher, a partir de um olhar de si para o outro (alteridade), que nesta obra não segue um padrão linear. Os resultados desta pesquisa revelaram técnicas e temáticas novas, instrumentos de uma literatura contemporânea, que traz a mulher das margens ao centro da narrativa.

Palavras-chave: Alteridade. Fragmentação. Narrativa contemporânea.

Abstract: This work analyzes the relations of alterity and fragmentation in the contemporary narrative through the work *Pente de Venus* by Heloisa Seixas, discussing the implication of alterity and the contextualisation of the characters of the stories. In presenting the work of Seixas, the objective is to give voice to characters that are on the social margins using fragmentation as an instrument that reveals in the contemporary literature, characteristics of a female literature. The methodology used is bibliographic research. In order to understand the work of Seixas, it is necessary to distance the authors from the patriarchal tradition, which prioritizes white, middle or upper class men, adherents of socially legitimized religion, heterosexuals, adults, and

capable of giving orders and sustaining rules. One of the main issues of this new literature is the attribution of voice to subjects of the margins, subjects traditionally silenced and ignored. In this context, the feminine and the relations of alterity through the fragmentation in the narrative stand out. The Fragmentation stands out as a set of forces directed against the social, political and economic exclusion of the woman, from a look from one to the other (alterity), which in this work does not follow a linear pattern. The results of this research revealed new techniques and themes, instruments of a contemporary literature, that brings the woman from the margins to the center of the narrative.

Keywords: Alterity. Fragmentation. Contemporary Narrative.

Introdução

A obra *Pente de Vênus: histórias do amor assombrado*, escrito por Heloisa Seixas em 1995, reúne quatorze contos de histórias de amor e terror, revela uma narrativa fragmentada que propõe uma nova abordagem menos convencional do terror, pois esta narrativa não está relacionada somente ao sobrenatural e ao insólito, o trágico retorna a cidade na anomia angustiante, na vida pública, o sentimento trágico da existência e, particularmente, relações pessoais e amorosas de mulheres comuns.

Seixas dá voz a personagens que sempre estiveram à margem social, e com elas traz o cotidiano, tudo que antes era desprezado pelo modelo tradicional vigente de fazer literatura. Tomemos o exemplo dos valores da sociedade patriarcal, que “prioriza homens brancos, de classe média ou alta, adeptos da religião legitimada socialmente, heterossexuais, adultos e aptos a dar ordens e sustentar regras” (GINZBURG, 2012, p. 200). Todo personagem presente em uma narrativa que se afasta desse modelo está colocado, portanto, à margem social. Do ponto de vista literário, há um distanciamento dos valores da tradição patriarcal desde os séculos XIX e XX e esta questão é essencial para compreender a obra *Pente de Vênus* cuja narrativa será descrita ressaltando a ideia de alteridade e a sua fragmentação.

A fragmentação é o elemento essencial para que essa obra seja revertida por relações de alteridade. Fragmentos são pedaços de histórias que tem apenas um propósito, mostrar o que esteve escondido por muito tempo. Mulheres vivem seus dramas e seus dilemas. O feminino está em cena,

conflitos externos e internos relativos à identidade, onde a mulher aparece no centro desta obra. Em todos os contos, relações amorosas, a violência doméstica contra a mulher, o abandono na velhice e na maternidade, vaidade, vingança, efemeridade do tempo e a lição das experiências de vida, são assuntos tratados não mais sob a ótica masculina, e sim da mulher. É a partir do processo de socialização e interação humana no convívio entre o *eu* e o *outro* que a fragmentação possibilita a alteridade na narrativa moderna.

Uma das questões primordiais desta nova produção é a atribuição de voz aos sujeitos das margens, sujeitos tradicionalmente silenciados e ignorados, pois o descentramento é, nas palavras de Ginzburg (2012, p. 201): “um conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica”.

A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica.

1. O discurso de alteridade no conto *As velhas*

Alteridade é definida como relações que se estabelecem entre o *eu* e o *outro* nos processos discursivos instaurados, histórico e espacialmente pelos sujeitos. Sempre esteve presente no processo de constituição social que se concretiza a partir das relações subjetivas de interação e poder.

O poder na sociedade é definido pelos lugares de fala e pelo discurso, a escolha deste discurso é permeada pelas relações de poder, portanto aponta para quem o detém. Para ser um ser social é necessário que o sujeito estabeleça relações intersubjetivas e interpessoais com o outro sujeito. O estabelecimento desta relação exige de si uma postura em relação ao outro, precisa-se reconhecer que nem todos veem o outro da mesma forma que o *eu* vê, nem todos sentem o que o *eu* sente.

Ao se conscientizar da existência do outro como diferente, as hierarquias sociais, internas ou externas, ganham contorno e se moldam a cultura local. Quando se reconhece a existência do outro como diferente ao mesmo tempo como própria complementação entra em jogo a alteridade. Definida como caráter ou qualidade do que é o outro de acordo com o dicionário Aurélio, este tema trás a tona como lugar do discurso ocupado pelo outro, bem como esta marcação de lugar desencadeia, apesar de coexistir com o humano desde

sempre, apenas a cerca de 100 anos este tema ocupou lugar de destaque entre pesquisadores (SANTOS; MACIEIRA, 2013, p. 175).

O discurso de alteridade é construído a partir da fragmentação desta narrativa. A fragmentação é o recorte do mundo representado na ficção, ou seja, a mulher com suas limitações e apreensões, em suas lutas diárias perante a sociedade esmagadora, e até suas pequenas vitórias cotidianas.

Analisando uma sociedade baseada no recorte individual, problemas de ordem particular, a mulher protagoniza e constitui o elemento base para o conto contemporâneo de Heloisa Seixas. “A preferência por tais temas é explícita no conto contemporâneo, o sujeito aqui focado não é mais do centro (...) e sim das margens, seja de ordem sexual, étnica, econômica ou social” (ARRUDA, 2012, p. 225).

Analisando o conto *As velhas*, consideramos na construção da narrativa os aspectos do conto contemporâneo, as protagonistas são duas idosas, uma delas vive aterrorizada com a ideia de morrer sozinha e carregando um segredo que não deseja levar na sua morte, ela deseja contá-lo para livrar-se do peso que ele representa em sua vida.

O assoalho de tábuas corridas, gastas pela ação dos passos e dos cupins, rangeu sob seus pés enquanto ela se dirigia a escada (...) – A escada! Praguejou baixinho, pressentindo já as agulhadas em suas costas, o peso imenso dos pés, a dificuldade de agarrar-se ao corrimão com suas mãos tremulas de velha. Odiava aquela escada. Odiava cada centímetro daquele chão, das paredes daquele lugar. Odiava o mundo inteiro por tê-la esquecido ali (SEIXAS, 1995, p. 11).

Duas idosas que moram em um asilo de aspecto sujo e tenebroso, Seixas usa o termo *velhas* a propósito de enfatizar esta fase da vida da mulher, não somente como mulher, mas como ser humano, que ao fim de sua vida, nada mais é do que alguém que viveu bastante e que cada dia vivido ou sobrevivido, pode ser considerado um fardo ou uma vitória. A velha que contará seu obscuro segredo não tem nome, na narrativa é chamada de *outra*, o discurso de alteridade se constrói a partir do lugar de fala da mulher

idosa. Na velhice muitas pessoas acabam findando suas vidas em asilos, esquecidos do mundo que pertenceram um dia, vivem em um mundo paralelo ao mundo do lado de fora dos asilos, são retirados da vida social.

Mulher e velhice são o *outro* no discurso de alteridade, neste conto. A autora dá preferência a personagens carentes de identificação, a alegoria que constitui a falta de nomeação está para enfatizar modelos de ação e comportamentos, personagens anônimos, em vez de personalidades.

O sentimento de angústia de estar preso não só ao corpo envelhecido, mas também a um lugar como os asilos, é o recorte da fragmentação desta narrativa. Os detalhes dos dois corpos, asilo e idosa, remetem o leitor a lançar o olhar para o lugar de quem vive nessa condição física e psicológica.

Suas mãos estavam cada vez mais adormecidas, como se já não fossem parte do corpo. Se morresse de repente? Se as forças lhe fugissem, se ela desfalecesse sozinha, sem chance de gritar, de chamar alguém? (...) era um pesadelo que a rodeava, tinha medo de morrer sozinha, medo de morrer sem contar seu segredo (SEIXAS, 1995, p. 12).

A voz que vem do fluxo de consciência da personagem é a voz do *outro*, do que está à margem da sociedade. O recorte social capta não só a vida do *outro*, mas também sua consciência, seus sentimentos, medos e angústias diante de problemas do cotidiano de qualquer um, desde que este seja o *outro*. O diferente é o *outro*, o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade.

Sem essa possibilidade de relação com o Outro, todas as Ciências Humanas seriam impossíveis, pois seria impossível ao homem compreender a mulher e vice-versa; aos adultos a criança; ao branco, o negro; ao civilizado, o primitivo; ao jovem, o idoso; ao médico, o doente; ao leitor, a obra; ao espectador, o criador e assim por diante (FRAYZE-PEREIRA, 1994, p. 12).

Esta literatura como instrumento social de representação, reproduz o recorte social da velhice e da mulher, é o centro da problemática da definição de uma classe de sujeitos que sempre estiveram às margens da nossa

sociedade. A personagem anônima carrega dois arquétipos de ser o *outro*, mulher e idosa, e conseqüentemente velhice e abandono também são motivos de desencanto com sua condição de vida, além da sobrecarga do seu tenebroso segredo, de um passado carregado de paixão, ódio e culpa.

Os olhos da velha, parados, estavam perdidos em algum ponto além dos empoeirados quadrados de vidro do janelão. O rosto muito pálido, parecia feito de cera, a dolorosa arqueologia do amor e ódio que haviam marcado sua vida parecia ter exaurido a força que lhe restava (SEIXAS, 1995, p. 25).

2. A fragmentação da leitura

A fragmentação como elemento constituinte de uma nova forma de escrever aparece na literatura contemporânea como um modo recorrente de narrar. Como um exemplo contundente desta tendência, pode-se apontar a intensa produção na atualidade dos denominados contos, minicontos ou minificção.

A opção pela fragmentação na composição de narrativas que ultrapassam o espaço de uma página ou que formam um livro, também tem sido uma tendência de destaque. Cabe perguntar, o que essa produção fragmentária, que está baseada na não linearidade, na serialização e na simultaneidade de informações, tem a nos dizer sobre a literatura contemporânea? Com relação aos contos, Arruda (2012, p. 225) pondera que,

(...) o conto se utiliza de todos os artifícios da modernidade. Assim, como imagens televisivas dos meios de comunicação, o conto vai traçando o retrato da sociedade contemporânea (...) o conto possui três aspectos básicos: fragmentação, velocidade e intensidade. O primeiro se refere a frases desconexas, falta de linearidade e superposição de ideias, sempre escolhidas pelo contista a fim de gerar um efeito jamais conseguido se baseando na integridade e na consequência. (...) a escolha pelo fragmento é igual ao reflexo da sociedade atual, em que a fragmentação, o caco é visível e fortemente presente.

A partir da opção pela fragmentação na composição das narrativas os contos em *Pente de Vênus* tratam do cotidiano, do efêmero, do familiar e até

certo ponto, do popular. Do que é geral e comum, mas ao mesmo tempo de detalhes ignorados. Aborda a vida de mulheres que em retrospectiva ao seu passado, recordam seus medos, histórias de amores e seus dramas. O efêmero, o banal, e o sujeito das margens entram em foco.

Cada conto constitui os fragmentos desta narrativa. O que seria uma narrativa de começo, meio e fim, temos sobreposições de situações. É possível chamá-los de registros, que detêm um incessante jogo de cortes e recortes, que imitam ou pelo menos nos fazem lembrar dos flashes de uma câmera cinematográfica. Quer captar a velocidade, o movimento intenso, mas também os sentidos: odores, ruídos, toques.

Assim também ocorre dentro de cada fragmento, que são os contos. Narrador e personagem assumem o mesmo papel, porém com uma textura de escrita diferenciada, aos segmentos da voz do fluxo de consciência, é possível reconhecer quando o narrador onisciente entra em cena. Cada uma destas partes leva o leitor a espaços diferenciados dentro da mesma narrativa como passado e presente.

A fragmentação possibilita a visualização de elementos jamais captados em cena, o que antes era descartado agora está ao centro, é como dar um zoom na câmera fotográfica e perceber várias cenas em uma mesma cena, vários objetos nunca vistos senão pelo zoom. É nesta perspectiva que a alteridade entra em foco, eu percebo o *outro* sob o olhar dele. Seixas trabalha as questões femininas dando um enfoque especial a cada detalhe antes ignorados ou escritos sob a ótica masculina.

Considerações Finais

Como é comum aos que estão à margem do social, a mulher sempre teve sua história contada por homens, o que fortaleceu a sobreposição do masculino ao feminino, e por isso o homem ao assumir o papel de porta voz da mulher, ocultou-a como sujeito, tornou-a invisível. “Os homens responsáveis pelas construções conceituais, hierarquizaram a história com os dois sexos

assumindo valores diferentes, a voz masculina sempre se sobrepondo à feminina” (SANTOS; MACIEIRA, 2013, p. 180).

A fragmentação possibilitou o recorte de uma sociedade excludente, personagens das margens, personagens anônimos, sem heróis, apenas o comum, o cotidiano, e no discurso de alteridade destaca-se o feminino. Temáticas nunca trazidas ao centro da discussão passam a ser representadas de maneira ousada. O que antes era ignorado, agora faz todo sentido e a literatura como instrumento de libertação, cumpre seu papel de fazer justiça social. Exclusão, miséria, abandono, sofrimento, podem ser denunciados entrando em foco na narratividade.

A mulher nasce como protagonista e antagonista na narrativa a partir da técnica fragmentária que foi o divisor de águas na literatura, daí surgiram os contos contemporâneos, minicontos, microcontos. Seixas faz o recorte social onde questões do feminino estão ao centro. Levando em consideração que *Pente de Vênus* é escrito por uma mulher, é a própria voz da mulher falando de seu lugar e, portanto é uma voz emancipatória, lúcida, consciente da sua realidade física, espiritual e social.

Referências

- ARRUDA, Angela Maria Pelizer de Arruda. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens da pós-modernidade. **Estação Literária Londrina**, v. 9, p. 220-237, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25695>>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- FRAYZE-PEREIRA, João A. A Questão da Alteridade. **Instituto de Psicologia da USP**, São Paulo, 5, n.º 1/2 11-17, 1994.
- GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane**, n. 2, p. 199-221, 2012. Disponível em: <<https://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790>>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- SEIXAS, Heloisa. **Pente de vênus: história do amor assombrado**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- SANTOS, Monica Maria; MACIEIRA, Maria do Socorro Beltrão. Alteridade e feminino no romance Dois Irmão de Milton Hatoum. **Revista Fiar**, Ariquemes, v. 2, n. 1, p. 174-184, 2013.